

UMA TRADUÇÃO DE “THE ROSE”, CONTO DE HARRIET PRESCOTT SPOFFORD

A TRANSLATION OF “THE ROSE”, A SHORT STORY BY HARRIET PRESCOTT SPOFFORD



Traduzido por:

Juliana STEIL
Professora Associada
Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/5586916987453183>
<https://orcid.org/0000-0002-7336-0299>
julianasteil@gmail.com

Lúcia MACIEL
Graduanda
Universidade Federal de Pelotas
Centro de Letras e Comunicação
Bacharelado em Letras – Tradução Inglês/Português
Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2752947367621571>
<https://orcid.org/0009-0004-2118-6198>
luciateacher@gmail.com

1

Resumo: Este trabalho apresenta uma tradução, para o português brasileiro, do conto “The Rose”, da escritora estadunidense Harriet Prescott Spofford, publicado originalmente na Harper’s Magazine em 1912. No conto, Aimée, uma jovem órfã que havia desenvolvido uma obsessão por flores, especificamente as rosas, é condenada por furtar rosas de um jardim, e recebe a compaixão das presas durante a sua estada na penitenciária. No desfecho, ao sair da prisão, Aimée decide sobre o rumo de sua vida. É interessante observar o contraste criado com a delicadeza da heroína (refletida na imagem da rosa) no coração da atmosfera hostil de uma penitenciária. Apesar da conduta transgressora das presas, o papel de protetoras que elas assumem em relação à novata pode ser lido como a expectativa de manutenção do perfil esperado de uma mulher na sociedade de então – e que é, ao final, desafiado pela heroína. Aparentemente, “A Rosa”, tradução apresentada neste trabalho, é a primeira tradução de “The Rose” de Spofford para a língua portuguesa.

Palavras-chave: Harriet Prescott Spofford. “The Rose”. Tradução literária. Literatura estadunidense. Conto.

Abstract: This paper presents a translation into Brazilian Portuguese of the short story “The Rose,” by American writer Harriet Prescott Spofford, originally published in Harper’s Magazine in 1912. In the short story, Aimée, a young orphan who had developed an obsession with flowers, specifically roses, is convicted of stealing roses from a garden, and receives the compassion of the inmates during her stay in prison. In the end, upon leaving prison, Aimée decides what to do with her life. It is interesting to note the contrast created with such a sweet and gentle heroine (embodied by the rose) in the heart of the hostile environment of a women’s prison. Even though the inmates had a transgressive behavior, they play a protective role towards the newcomer, which can be read as the expectation of maintaining what is expected of a woman in the society at that time – and which is, in the end, challenged by Aimée. Apparently, “A Rosa”, the translation presented in this paper, is the first one of Spofford’s “The Rose” into Brazilian Portuguese.

Keywords: Harriet Prescott Spofford. “The Rose”. Literary translation. American literature. Short story.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Harriet Elizabeth Prescott Spofford foi uma escritora estadunidense do século XIX, nascida em 3 de abril de 1835, no estado de Maine, e falecida em 14 de agosto de 1921, em Massachusetts¹. Recebeu educação domiciliar por muito tempo, ingressando na escola somente aos 14 anos. Durante quatro anos cumpriu um currículo exigente e leu de forma voraz, ganhando muitos prêmios por sua redação. Para ajudar nas finanças da família e encorajada pelo autor Thomas Higginson, começou a escrever. Escrevia por até quinze horas por dia, recebendo não mais que 2,50 dólares por história. Sua credibilidade foi inicialmente questionada, pois uma mulher tão jovem e ainda desconhecida não seria capaz de criar histórias tão chamativas. Ao enviar o conto “In a Cellar”, que versa sobre a vida parisiense, para a revista *Atlantic Monthly*, o editor James Russell Lowell acreditou ser uma tradução e, por isso, engavetou a história. Somente após Thomas Higginson atestar a autenticidade do conto, confirmando que era uma obra original, a história foi publicada, estabelecendo-se assim sua reputação como escritora. Seus romances góticos são únicos, com uma narrativa nada convencional sobre os estereótipos femininos da época. Infelizmente, grande parte de seus primeiros textos estão perdidos.

2

Em “The Rose”, publicado originalmente na *Harper’s Magazine* em outubro de 1912², Aimée, uma jovem órfã que havia desenvolvido uma obsessão por flores, especificamente as rosas, é condenada por furtar rosas de um jardim. A aparência delicada e o comportamento ingênuo de Aimée causam comoção na penitenciária feminina onde deve cumprir sua pena, e, a partir do perspicaz manejo do caso por parte da diretora da instituição, as demais presas passam a produzir flores artesanais para consolar a novata. François, o fiel pretendente de Aimée, vai visitá-la regularmente até o fim de sua temporada na penitenciária. No desfecho do conto, não tão inesperado quanto intrigante, Aimée mostra uma sólida autonomia de caráter, compatível com a avaliação de Durrans (2019, p. 04): “Sem dúvida, o habilidoso manejo, por parte de Spofford, de personagens femininas complexas desafia a ideologia de gênero da época da autora ao enfraquecer as construções simplistas do século dezenove a respeito da condição feminina e da domesticidade”³.

Embora a localização temporal e geográfica do conto não esteja explícita, a narrativa parece estar ambientada na época da autora e na região onde ela vivia, levando em conta, por exemplo, a forte presença da língua francesa no texto – na forma de nomes próprios e de uma série de expressões, conservados em francês em nossa tradução –, bem como a representação da prisão exclusiva para mulheres e dirigida por uma mulher⁴. É interessante observar o contraste criado com a delicadeza da heroína (refletida na imagem da rosa) no coração da

atmosfera hostil de uma penitenciária. Apesar da conduta transgressora das presas, o papel de protetoras que elas assumem em relação à novata pode ser lido como a expectativa de manutenção do perfil esperado de uma mulher na sociedade de então – e que é, ao final, desafiado pela heroína. “The Rose”, nesse sentido, não deixa de corresponder ao argumento de Pepper (1990, p. 09): “Apesar de eventualmente ter sido rejeitada como romântica em um momento em que os críticos buscavam realismo na literatura, Spofford ofereceu uma resposta surpreendentemente moderna e realista à ‘questão da mulher’ em curso”⁵.

Até onde sabemos, a presente tradução é a primeira tradução de “The Rose” de Spofford para a língua portuguesa.

A ROSA

HARRIET PRESCOTT SPOFFORD

Ela com certeza tinha nas veias certa tendência para a insanidade, mas isto não havia se manifestado até os dezesseis anos. Sim, sua mãe morreu, se não louca, certamente possuía por uma ideia insana. Era uma típica sulista, fervorosamente devota ao esposo, até que um dia seus grandes olhos negros viram o sorriso lânguido dele acender no momento em que avistou uma desconhecida do norte, bonita e de olhos azuis. Ela sentiu o coração incendiar dentro dela.

Pouco depois Jacques estava conversando com a desconhecida. Caminharam juntos e, na despedida, ele ofereceu uma rosa, que ela prendeu junto ao peito. Que ofendida, insultada, magoada ficou a esposa! Não se tratava da oferta casual de uma flor, pensou ela; era a evidência de um novo amor. Viu-se negligenciada, esquecida, desprezada. A rosa tornou-se o símbolo de todo aquele amor e alegria de antes e, assim como ansiou por aquele amor e aquela alegria novamente, ela ansiou por aquela rosa.

Tudo acontecera muito rápido. Seus olhos lampejaram; ela deu um passo à frente e teria arrancado a rosa, não fosse seu marido intervir com o braço.

— O que você pretendia fazer? – perguntou ele. — Uma simples cortesia.

Mas isso não ajudou. A rosa – aquela rosa – precisava ser dela.

— Me dá essa rosa! – disse ela à moça assustada. — Ela é minha!

Seu marido a tomou pela mão e a conduziu para longe.

— Você está louca? – perguntou ele, enquanto ela se inclinava para trás desviando a cabeça.

— A rosa! A rosa! – repetia. E foi tudo o que ela disse até, pouco tempo depois, a filha nascer. Minutos antes de morrer, olhou para o marido debruçado sobre ela e murmurou:

— A rosa! Ela cresceu. Suas grandes folhas esconderam o paraíso e você... Sim, fiquei louca. Mas agora eu sei. A rosa é pó, mas o amor é imortal.

O pai foi recrutado, e morreu no campo de batalha. A criança foi abandonada ao destino cruel. Cresceu com o auxílio relutante e indiferente de parentes, que trabalhavam muito pelo pão de cada dia: uma criatura adorável de olhos cor de violeta e cabelos dourados, sem educação, mas com as boas maneiras do instinto gentil e com os dedos ágeis para toda a complexidade de trabalho delicado, apaixonada por sua agulha, e em tudo ela colocava bordado de rosas. Deram-lhe o nome de Aimée, mas geralmente chamavam-na de ‘a menina’,

ou ‘aquele passarinho’, a *papillon*. Muitos jovens teriam-na cortejado, mas ela agia como se nem existissem. Todavia, ela adorava trajar seu vestido bordado em cor de rosa, de algodão áspero, e exibir longas grinaldas de rosas que caíam de seus ombros até os joelhos. Era quase sempre gentil nos gestos e nas palavras, amada por todos, mas os mais velhos começaram a dizer que estava *folle*.

Havia um jovem que a amava mais que os outros. Seu nome era François, apenas isso. Um jovem negro de olhar radiante. Possuía uma pequena loja onde vendia fitas. Terminada a jornada de trabalho, caminhavam juntos ao entardecer. Às vezes ele lhe trazia rosas, já que ela as amava tanto. Ela as pegava com tal êxtase que o rapaz poderia confundir com demonstração de interesse caso não conhecesse o comportamento dela. Não levou muito tempo para que ela sempre tivesse rosas no cabelo, no colo, ou adornando os braços. Ela nunca teve um tostão sequer. Como ela conseguia essas flores?

Ela ainda não havia completado dezessete anos quando ouviram-na contando histórias estranhas de suas rosas.

— São minhas – disse ela. Todas as rosas na Terra.

Foi acusada de remexer nos jardins.

— As rosas me amam. Elas querem ficar por perto, e quebram seus caules para chegarem até mim. Dá pra ver cada botão deslizando pelo ar na minha direção. Tudo que preciso fazer é pensar em uma rosa e ela aparece. Elas têm espírito, ah, sem dúvida. “Você mesma é uma rosa”, diziam. Elas me dizem para admirar o nascer do sol quando vou à fábrica de seda e o pôr do sol no rio. O mundo todo é uma rosa. O chão do paraíso é feito de rosas. Guardo as folhas para, quem sabe, com elas produzir um perfume para o sacerdote no último sacramento. Há uma rosa escalando o muro do jardim da rainha para ver o mundo passar. Essa rosa implora que eu vá até ela, em um sussurro tão doce – ah, tão doce quanto sua respiração. É uma rosa perfeita. Algum dia hei de ir até ela.

E foi. Os jardineiros encontraram-na no jardim da rainha, com a saia levantada repleta de enormes e polpudas rosas damascenas.

Vovó, Suzanne e Justine em vão perseguiram os oficiais, num alarido em defesa da pobre e irresponsável *papillon*, seguido das palavras reconfortantes de François até os portões da prisão se fecharem à frente do rapaz. Ela foi julgada e considerada culpada. Havia roubado e foi vista. As flores foram encontradas em sua posse, e por sorte não foi presa por *lèse majesté*. O jardim da rainha, ora essa!

Foi condenada à prisão para mulheres de todo tipo. Contudo, até mesmo a pior delas estremeceu por um instante ante a bela e curiosa criatura com aquelas lágrimas enormes que corriam de seus olhos ao pensar nas rosas perdidas.

— Eu voltarei, François – disse ela – e haveremos de ter nossas rosas juntos.

François sentiu o céu azul impiedoso, o vento suave como uma zombaria.

As mulheres, presas por crimes horrendos e todo tipo de infâmia, eram duras e cruéis. O que havia naquela jovem entre elas que de repente fazia seus corações estremecerem? Devem ter pensado em sua infância antes de serem acometidas pelo pecado. Ela era tão magra e bela, inocente como uma flor! Talvez, apesar de tudo, fosse a mãe latente em todas elas.

— Ela está aqui por roubar uma rosa. Uma rosa! – exclamou Adriane. — Enquanto dedos eu tiver, ela há de ter sua rosa!

E só Deus sabe onde conseguiu um pouco de papel cor de rosa; e como o transformou em pétalas e encontrou linha amarela para os caules, somente uma francesa nata poderia dizer. Era uma coisa grosseira e esfarrapada, mas que lembrava uma rosa: quando foi empurrada pela grade da cela e caiu no chão de pedra, a menina, acordando de seu devaneio, pegou-a, não com a mesma alegria de quando François lhe trazia rosas frescas ainda com orvalho, mas como quem abraça um amigo que há muito não vê.

Praticamente não havia nenhuma mulher que na noite seguinte não tivesse ouvido sobre o sucesso de Adriane e que não tivesse, pelos canais sutis que sabiam comandar, conseguido retalhos de seda cor de rosa, carmim, amarela, bege e branca, e não estivesse entretida com eles.

— A madame vê aquela pequena ali, aquela pobre menina, *la tête légère* – disse Adriane à diretora, que tinha vindo até a cela a pedido de Adriane, já tremendo. Ela, a difícil Adriane, que só fazia tumultuar o lugar com sua fúria e suas rebeliões desde que chegou para cumprir sua sentença interminável. — Claro que ela cometeu um pecado, mas tão insignificante! A menina está sofrendo. Ela vai definhando. Ela vai morrer!

— A gente não pode se meter, Vinte e três. Ela está aqui para cumprir pena, *Ciel!* Não para se divertir.

— Perdão – disse Adriane. — A madame sabe que há novas formas de encarceramento. É para proteger a sociedade, e não punir o criminoso. Pois o castigo está nas mãos do bom Deus.

A madame estava ao mesmo tempo enraivecida e pensativa. Mas não percebeu alguns detalhes em Adriane.

— *Peste!* – disse Adriane. — Eu mesma – eu – me chamam de *meutrière*. Mas se essa menina morrer na cela, terá sido assassinada! Culpa da madame! E fez uma reverência jocosa com as mãos espalmadas, enquanto a madame recebia a insolência como se fosse nada.

Surgiram boatos de que as mulheres poderiam enviar seus fracassos e sucessos florais para a cela da recém-chegada. A diretora, uma mulher sábia, do jeito dela, e com ideias sobre reforma prisional, que nos últimos tempos já mal sabia o que fazer, comovida com a situação da jovem, viu uma luz no fim do túnel. Não poderia agir de forma precipitada. Aquelas sem permissão para usar tesouras ou agulhas, nem qualquer outro instrumento afiado, não poderiam ser confiáveis logo de imediato. Recentemente tinha havido uma revolta violenta na prisão. As mulheres quebraram tudo que encontraram pela frente. Destroçaram as roupas. E rasgaram o silêncio com protestos e xingamentos. Levou um certo tempo até que tudo se acalmasse. Hoje o lugar está impregnado por uma doce calma, interrompida de quando em quando por uma exclamação sobre a beleza de um trabalho floral. Elas apertavam, puxavam e estufavam o pobre material até ele ficar no formato. Por vezes rasgavam-no com os dentes, ou com algum alfinete furtivo. Após tudo finalizado, cada uma delas esperava pelo grito de deleite que viria da cela de Aimée, e ficavam ouvindo o seu doce cantarolar conforme agrupava as flores ao seu redor, em uma sensação de êxtase que, quiçá, nunca antes haviam sentido em suas vidas miseráveis.

Assim, quando François – depois de, com algum receio, ter implorado para entrar – recebeu permissão para aproximar-se da grade da cela com uma rosa que havia trazido, viu um mar de rosas de todas as cores nas paredes da cela, e a moça radiante no meio delas. Beijou os dedinhos que ela deslizou através das grades, e deixou neles a rosa recém-colhida.

Com o grito de alegria de Aimée em seus ouvidos, François foi imediatamente até um homem que trabalhava para um chapeleiro, e no dia seguinte retornou cheio de sobrinhas de seda, cetim e veludo de todos os tons, claros ou escuros, em que poderiam existir uma rosa e suas folhas verdes; trouxe também longas tiras de suas próprias fitas, miçangas de cristal, e até tesouras. Era contra as regras. Mas para que servem as regras senão para serem transgredidas?

François procurou a diretora, e foi objetivo.

— A menina não tem maldade – disse. — Ela é inocente como os querubins que só tem cabeças e asas na grande peça de altar. Ela só é estabanada, a pobre *papillon*. Ela tem procurado as rosas — a vida inteira dela, as rosas. Pois bem, se ela tiver essas rosas — como

a madame pode ver —, pode acontecer... um saciamento disso. Será que a madame nunca ouviu falar de uma cura assim?

A madame nunca tinha ouvido falar numa cura desse tipo. E daí? Ninguém sabe tudo. Não se deve rejeitar o novo, o que ainda não foi testado. Ela ia pensar. Em seguida ela mesma pegou o presente de François para Aimée, e chamou Adriane. Se ela não fosse uma mulher corajosa, não estaria em sua posição. Ela não tinha medo de Adriane com as tesouras:

— Faça uma rosa – ordenou. E, de modo bastante desleixado, Adriane começou a formar a flor, folha por folha, concluindo a tarefa com um frenesi de alegria.

— Não está perfeita – disse a diretora. — Uma rosa com esse miolo não é uma rosa. E olha essas pétalas aí! Por acaso estão arredondadas, bem definidas? *Fi donc!* Faça outra, Vinte e Três, mais vistosa, com precisão. E você também, Noventa e Nove, vamos testar a sua habilidade.

E de repente Aimée, tomada pela nova ideia, pegou um pedacinho de seda rosa, outro de rosa escuro, e cortou e recortou, e olhou contra a luz, e avaliou, e agrupou, e pingou a cola no tecido verde, no tecido marrom, e prendeu o arame, e enrolou a haste – e eis uma rosa! Gritou de alegria, e em seguida virou e afixou a rosa no peito da diretora. Até mesmo a audaciosa Adriane estremeceu com a liberdade que a menina havia tomado.

— Adriane – disse a diretora – eu sei que posso confiar em você. Mas nas outras...

— A Madame – disse Adriane, com ar de dignidade, como se não tivesse sido a cabeça de inúmeros motins – pode deixar comigo.

A madame deixou. E Adriane cortava no formato e entregava, e as outras arrumavam e colavam – tudo isso para Aimée. Dentro de um mês, a cela da menina estava com as paredes forradas de rosas.

Na visita seguinte, François trouxe um vidrinho de essência de rosas.

— Era isso o que estava faltando! – exclamou Aimée; e, esquecendo que ele estava ali, foi colocar uma gotinha da essência num punhado de flores.

— Talvez seja demais – disse ela. E depois disso simplesmente deixou o vidro aberto entre os seus materiais, para que pudessem dizer que, embora não fossem rosas, tinham estado com as rosas. E com certeza aqueles corredores jamais antes haviam recebido tamanhos vendavais de doçura, como se jardins inteiros tivessem florido por ali.

Não era sempre que o regulamento permitia as visitas de François. Quando veio visitar novamente e viu através das grades o caramanchão florido em que se havia transformado a cela de Aimée, achou que a moça estaria de posse daquilo que tanto almejava. Mas ela estava

sentada no seu banco, com as mãos largadas diante de si, numa postura de profundo desânimo. Não usava flores; mas a janela, pela qual se podia avistar uma faixa de céu azul ou uma nuvem cor de neve, estava engrinaldada com elas. A janela altíssima capturou brevemente um solitário raio de sol, o qual tocou o cabelo claro da menina formando uma auréola brilhante, e ela pareceu a François a imagem de uma santa triste. Ele girou uma gardênia nos dedos. Ela sorriu, olhando para a flor.

— Que linda – disse Aimée – ela tem alma. – E logo começou a fazer uma gardênia. Outro dia, então, François trouxe ervilha-de-cheiro para ela recriar, depois miosótis, e, quando era época, flor de macieira e botão-de-ouro. As demais presas recriavam estas flores também; Adriane passava por elas, a sisuda Adriane, como um anjo de misericórdia trazendo a nova flor para as colegas.

Mas certa vez François chegou e encontrou Aimée em uma cela noutro corredor. Ela havia implorado para ser transferida, pois a fragrância da essência tinha se tornado sufocante para ela. Mas fazia uma flor-de-lis, com todo primor e delicadeza, e cantarolava sozinha enquanto seus dedos perpassavam pelas pétalas. Os olhos dela brilharam ao voltarem-se para ele.

— Estive em um lugar distante, François – disse. — Mas eu voltei. Era um mundo de rosas. Agora uma rosa e uma flor de malva são para mim a mesma coisa. Estou curada, querido François. E quando eu vou embora? Certamente não vou ficar aqui para sempre. E para onde, para onde eu vou?

— Você vai comigo – disse François.

Ela balançou a cabeça delicadamente. Assim como o botão que desabrocha, no roçar da abelha, torna-se uma flor desenvolvida, e assim como a fruta logo amadurece quando a vespa a aferroa, a catástrofe da saturação fez da menina uma mulher.

— Não dá – disse ela. As coisas que podem ter sido são sempre as mais lindas. Tem isso que pode voltar de novo pra mim. Nós vamos parar por aqui.

— Como assim parar por aqui? – perguntou François, com os olhos sérios.

— Nós não vamos casar. Não vamos deixar essa herança pra ninguém – disse ela, dirigindo os olhos para o centro da flor-de-lis.

— Isso – François disse – não impede que a gente fique junto.

Os corredores da prisão estavam calmos naquele dia. Deveria ser a calmaria que precede a tempestade. A não ser pelo irromper ocasional de uma canção de escárnio, havia um silêncio mortal. A diretora, tendo finalmente alcançado o seu objetivo, informara as mulheres que elas

iriam parar de fazer flores para levar para Aimée. As flores seriam colocadas à venda no mercado, e a prisão passaria a ser autossuficiente. Uma questão de orgulho e alegria.

— Não vai mais ter flor para Aimée – para a menininha? Então não vai mais ter flor pra ninguém!

O Estado as havia colocado lá; o Estado que as sustentasse! E elas se sentaram, cruzando os braços, e os braços de Adriane eram os mais decididos de todos, e seus acenos com a cabeça eram os mais enfáticos, enquanto sacudia as suas tesouras através da grade.

François estava lá naquele dia para levar Aimée embora, quando o dia da liberdade chegou. Ela teve permissão para despedir-se daquelas almas tristes, parando em cada grade. Elas imploravam para beijar os lindos dedos de Aimée.

— Estou indo vender minhas flores – ela disse às colegas. — François me deu uma vitrine na loja dele. François é meu irmão.

— Nós vamos fazer flores para a sua vitrine – clamaram, quase em coro. E a paz reinou novamente na pobre prisão e no coração da diretora.

— Ah, que maravilha o ar, o vento, o céu, o sol, a liberdade, o farfalhar das folhas! – exclamou Aimée quando se sentou para trabalhar nas suas flores na vitrine de François. — Fico triste pelas minhas pobres irmãs da prisão! Mas hei de ir sempre levar pra elas os ares da rua.

— Pois é – disse François. — Você sempre se coloca no lugar dos outros.

— Veja! Vendi bastante hoje, não apenas as minhas, mas as delas. Nós vamos ser ricos, meu irmão. Vamos ter uma casinha e um jardim de flores verdadeiras no campo, e vamos encarregar a Suzanne de vender para nós – as flores para mim, as fitas para você.

— Não pode ser assim, *petite*, a menos que... ‘Irmão’ é a sua palavra final, Aimée? — E a voz dele estremeceu como um cordão a ponto de romper-se.

— Palavra final – ela respondeu, olhando o vazio com olhos de violetas orvalhadas. — Absolutamente final. — E acrescentou num tom mais suave: — Vão perdoar Adriane. Ela pode morar conosco e cuidar da casa. E como você não tem outro nome, podemos ser François Frères? Sempre meu irmão.

E hoje em dia, se você quiser flores de seda, com um vestígio de perfume, umas gotas de orvalho talvez, e tão realistas que parecem que vão murchar e ter de ser descartadas, flores de uma beleza quase etérea, você pode, assim como as duquesas e princesas o fazem, comprá-las na vitrine de Aimée.

Agradecimentos

Nossos agradecimentos a Jonas Tenfen pelo auxílio com dados históricos ligados ao conto de Spofford.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Durrans, S. (2019). Introduction. Harriet Prescott Spofford: The Home, the Nation, and the Wilderness. *European Journal of American Studies*, 14(3), 1-7.
<https://doi.org/10.4000/ejas.14880>

Maine Women Writers Collection (n.d.). Harriet Elizabeth Prescott Spofford Collection. *Harriet Elizabeth Prescott Spofford Collection, 1891-2004*.
www.une.edu/sites/default/files/harrieteleizabethprescottspoffordcollection.pdf

Pepper, H. M. (1990). *The New Woman: Images of Women in the Short Stories of Harriet Prescott Spofford*. State University of New York, Department of English.

Rafter, N. H. (1985). *Partial Justice: Women in State Prisons, 1800-1935*. Northeastern University Press.

Spofford, H. E. P. (1912). The Rose, by Harriet Elizabeth Prescott Spofford. *Harper's Magazine*. harpers.org/archive/1912/10/the-rose/

¹ As informações da biografia de Harriet Elizabeth Prescott Spofford aqui mencionadas foram extraídas do documento da Coleção Escritoras de Maine (University of New England) disponível em <https://www.une.edu/sites/default/files/harrieteleizabethprescottspoffordcollection.pdf> (Maine Women Writers Collection, n.d.).

² Uma cópia digital da edição está disponível em <https://harpers.org/archive/1912/10/the-rose/> (Spofford, 1912).

³ No original: “There is no doubt that Spofford’s deft handling of complex female characters challenges the gender ideology of her times by undermining simplistic nineteenth-century constructions of womanhood and domesticity”. As traduções de citações cujos originais estão indicados nas notas de fim são de nossa autoria.

⁴ Um histórico das prisões femininas estadunidenses pode ser encontrado em *Partial Justice: Women in State Prisons, 1800-1935*, de Nicole Hahn Rafter (1985).

⁵ “Although eventually rejected as a Romantic at a time when critics were demanding realism in literature, Spofford has offered a surprisingly modern, realistic answer to the ongoing ‘woman question’”.